
A IMPORTÂNCIA DA LUDICIDADE NO PROCESSO DE LETRAMENTO

FLAK, Merli Aparecida. Merli.flak@hotmail.com¹
LOPES, Daiane. profdaiane2016@gmail.com²
Orientador: Patrícia Lúcia Wosgrau de Freitas³

Resumo: O presente trabalho tem como objetivos a reflexão e participação dos pais frente à importância da ludicidade no processo de letramento; a análise das práticas pedagógicas do professor diante o processo de ensino aprendizagem e a contribuição no processo de alfabetização e letramento dos alunos através de atividades lúdicas, que alimentem o imaginário infantil e contribuam para o desenvolvimento da leitura e escrita. O trabalho faz uma breve discussão da integração entre família e escola no brincar. A pesquisa realizada é de cunho exploratório. Os dados foram coletados e analisados sobre uma perspectiva qualitativa. A técnica utilizada para a coleta de dados foi a aplicação de questionários realizada com alunos, pais, professores e equipe pedagógica da escola. Os dados coletados revelaram a insatisfação dos alunos referentes a prática letrada de suas. A pesquisa sugere que a escola utilize e incentive o uso dos jogos e brincadeiras para uma prática de letramento. Propõe-se que seja realizado um trabalho nos três eixos pesquisados (pais, alunos, professores) de cunho dinâmico e debatido para resgatar a importância do brincar.

Palavras-chave: Alfabetização. Letramento. Jogos. Brincadeiras.

Abstract: This study aims to reflection and participation of parents facing the importance of playfulness in the literacy process; the analysis of pedagogical practices of teachers on the teaching-learning process and the contribution in the process of literacy and literacy of students through fun activities that nurture children's imagination and contribute to the development of reading and writing. The work is a brief discussion of the integration between family and school in the play. The research is of an exploratory nature. Data were collected and analyzed on a qualitative perspective. The technique used for data collection was the use of questionnaires carried out with students, parents, teachers and teaching staff of the school. The data collected revealed the dissatisfaction of referent students literate practice of his. Research suggests that the school use and encourage the use of games and play for a practice literacy. It is proposed that is realized work in three areas surveyed (parents, students, teachers) dynamic and debated nature to rescue the importance of play.

¹Acadêmica do curso de Pedagogia da Faculdade Secal

²Acadêmica do curso de Pedagogia da Faculdade Secal

³Professora das Faculdades Santa Amélia – Secal, Ponta Grossa PR.

Keywords: Literacy, Literacy, Games, Play.

Sumário: Introdução – 1 Ludicidade e letramento uma articulação necessária na prática docente: 1.1 Dialogo entre conceitos: 1.1.1 O que é ludicidade?; 1.1.2 O que é letramento?; 1.2 Relação entre ludicidade e letramento na prática docente: 1.3.1 Planejamento de ensino: a ludicidade e o letramento como prioridade – 2 Metodologia – Conclusão.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem a intenção de refletir sobre a importância da ludicidade no processo de letramento no ambiente escolar, a fim de compreender as relações e objetivos das brincadeiras, apresentadas em forma de atividades, que proporcionem ao aluno apropriação dos conhecimentos.

Para tanto, será também enfatizado a integração da família na escola. A qual atribui a participação conjunta da escola e família no processo de alfabetização e letramento. Portanto, nesse processo de ensino aprendizagem cada um tem seu papel de maneira a assumir suas responsabilidades como o educador que deve transparecer seus conhecimentos.

Nessa perspectiva, é fundamental que a escola assuma suas responsabilidades, isto é, que abranja e proporcione metas e objetivos para os problemas encontrados na escola. Em virtude disso esse estudo aponta alguns tópicos sobre a aplicação de jogos e brincadeiras lúdicas nas turmas de 1º ano do ensino fundamental.

1 LUDICIDADE E LETRAMENTO UMA ARTICULAÇÃO NECESSÁRIA NA PRÁTICA DOCENTE

1.1 DIALOGO ENTRE CONCEITOS

A alfabetização é tão antiga, devido à necessidade de comunicação nas sociedades, como é o exemplo dos homens da caverna que usavam as pinturas rupestres. Mais tarde o homem usava pedras, ossos ou pequenos galhos para realizar contagem dos animais que criavam como o gado, utilizavam estes registros

para troca e venda. Na Idade Média os ensinamentos de escrita e leitura ocorriam em casa através de cópias repetitivas, mais tarde encontraram dificuldades pelo surgimento de outras formas gráficas das letras.

Com o passar do tempo às imprensas surgiram e iniciaram a produção de material escrito, necessitando da socialização da leitura e escrita.

Conforme Cagliari, quem inventou a escrita, inventou ao mesmo tempo as regras da alfabetização, ou seja, as regras que permitem ao leitor decifrar o que está escrito, entender como o sistema de escrita funciona e saber como usá-lo apropriadamente. (CAGLIARI, 1999, pág. 12)⁴

Devido a esta necessidade e demanda surgiu à alfabetização, processo de aquisição da leitura e escrita. Tal processo foi passado de geração para geração, valorizando e criando conseqüentemente regras para que o processo de alfabetização fosse consolidado como cultura.

Regras estas que eram transmitidas, ensinadas apenas de forma básica para poder se comunicar através da leitura e da escrita, surgindo várias propostas uma delas foi o uso de cartilhas que reforçava o padrão de cópia e leitura.

Ao decorrer da história da alfabetização, foi possível notar como os métodos adotados eram repetitivos, e com a única finalidade de leitura e escrita, restringindo assim os alunos da visão social do alfabetizar.

No Brasil não era muito diferente, este padrão era o mesmo que os jesuítas utilizavam para ensinar e catequizar os indígenas. Monopolizaram a educação por 210 anos, a fim de ensinarem a fé através da alfabetização.

Neste período surgem as escolas e os colégios. Onde a escola tinha a função de ensinar a ler e escrever, já os colégios eram os seminários onde estudavam a teologia.

⁴CAGLIARI, L.C. **Alfabetização sem o ba-bé-bi-bó-bu**: Por um construtivismo não psicogenético. In: III Congresso Paranaense de Alfabetização. São Paulo. Scipione. 1999.

Mais na segunda metade do século XIX a educação avançou com à universalização do ensino, ocorrendo à inclusão de inúmeros métodos utilizando as cartilhas em nosso país.

Mas este avanço levantou inúmeros estudos realizados a respeito da alfabetização através dos métodos das cartilhas, possibilitando a compreensão desta educação mecanizada. Estes estudos possibilitaram a visão de todo o processo que se inicia desde muito cedo, nos primeiros anos de vida da criança no meio familiar.

No ambiente familiar onde existe a influência do uso social da linguagem oral e escrita através de revistas, jornais, livros. Onde esta criança terá uma facilidade maior na compreensão dos processos de leitura e escrita. Mais tarde, quando inseridas no ambiente escolar, trazem consigo o conhecimento sobre a construção da linguagem oral e escrita. Mas em algumas escolas este conhecimento é descartado por um método que não contribui para o relacionamento da leitura e escrita no cotidiano, assim aparecem às dificuldades de compreensão do processo de alfabetização, pois não contemplam a realidade da criança.

Segundo Emília Ferreiro:

[...] e a prática docente passa a seguir o modelo das mais tradicionais praticas do primário: exercício de controle motriz e discriminação perceptiva, reconhecimento e copia de letras, sílabas ou palavras, repetições em coro... e nenhum uso funcional da língua escrita (FERREIRO,2000,p.97)⁵

Para isso é preciso que o docente também busque novas formas e métodos de aprendizagem levando em consideração seu aluno.

É de suma importância lembrar que a alfabetização não possui um script pronto, pois cada criança é diferente da outra, pois este método aplicado em uma turma pode não ter o mesmo resultado em outra. Outro ponto de grande relevância é excluir a visão que estamos fabricando peças e moldes, iguais, ou seja, cada aluno

⁵BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**. Cadernos de Formação. Brasília: MEC/SEB, 2014. Disponível em: <<http://pacto.mec.gov.br/2012-09-19-19-09-11>>. Acesso em: 14/03/2016.

tem suas peculiaridades que precisam ser trabalhadas individualmente com métodos variados.

Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1991) definiram quatro fases que as crianças passam até tornarem-se alfabetizadas:

- Hipótese Pré-Silábica: a criança representa sua escrita por meio de rabiscos e desenhos, ela não estabelece vínculo entre a fala e a escrita, utiliza símbolos variados e tamanhos variados “... a leitura do escrito é sempre global, e as relações entre as partes e o todo estão muito longe de serem analisáveis: assim, cada letra vale pelo todo...” (FERREIRO E TEBEROSKY, p.202,1999)⁶.
- Hipótese Intermediária: representação gráfica limitada. Utilizam letras do seu nome na escrita das palavras, mudando a ordem das letras, começa a ter consciência que existe alguma relação entre a pronúncia e a fala, continua a utilizar inúmeros caracteres, mas já começa a separar as letras dos números e a escrita das imagens.
- Hipótese Silábica: “Este nível é caracterizado pela tentativa de dar valor sonoro a cada letra que compõem uma escrita.” (FERREIRO E TEBEROSKY, p.209,1999). Nesse sentido a representação escrita da criança é muito importante, pois a criança já pode escrever uma letra para cada sílaba. Nessa fase ela já supõe que a escrita representa a fala.
- Hipótese Silábica – alfabética: nessa fase “... a criança descobre a necessidade de fazer uma análise da sílaba pelo conflito entre a hipótese silábica e a exigência de quantidade mínima de letras” (FERREIRO E TEBEROSKY, p.214,1999). A criança passar a utilizar mais de uma letra para representar as sílabas.
- Hipótese Alfabética: etapa final da alfabetização, onde a criança compreendeu o modo da construção do código da escrita. “... Compreendeu que cada um dos caracteres corresponde a valores sonoros menores que a sílaba e realiza sistematicamente uma análise sonora dos fonemas das palavras que vais escrever.” (FERREIRO E TEBEROSKY, p.219,1999). A criança apresenta erros

⁶ FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

ortográficos que serão solucionados com o contato com textos por meio da leitura e da escrita.

Estas hipóteses apresentam o processo de construção do conhecimento da língua escrita, a qual se refere ao pensamento das pesquisadoras sobre alfabetização.

A alfabetização é o primeiro passo para a formação do cidadão crítico e autônomo. Porém não foi suficiente fazendo com que os educadores buscassem novas metodologias que fossem atraentes para as crianças possibilitando um contato maior com a leitura e a escrita e necessitando de um contexto divertido e contagiante para que demonstre interesse nessa etapa tão riquíssima e fundamental ao aluno.

A alfabetização com os métodos maçantes já não eram tão apreciados então necessitou incluir novos conceitos como a ludicidade e o letramento que possibilitaram a ampliação dos conhecimentos repassados aos alunos.

Nesse sentido, é importante que o professor, consciente que o acesso ao mundo da escrita é em grande parte responsabilidade da escola, conceba a alfabetização e o letramento como fenômenos complexos e perceba que são múltiplas as possibilidades de uso da leitura e escrita na sociedade. (MACIEL e LÚCIO⁷, 2008, pag.15)

Nesse contexto a alfabetização deve estar aliada a ludicidade e ao letramento para que seja possível incluir e valorizar as brincadeiras nas aulas, pois é brincando que as crianças aprendem. Além disso, a utilização de materiais diversificados como a sucata, por exemplo, as crianças sentem-se estimuladas a construir seus conhecimentos de forma significativa. Dessa forma, o lúdico deve estar presente também no processo de alfabetização.

⁷MACIEL, Francisca Izabel e LÚCIO, Iara Silva. **Os conceitos de alfabetização e letramento e os desafios da articulação entre teoria e prática**. IN: CASTANHEIRA, Maria Lúcia; MACIEL, Francisca Izabel e MARTINS, Raquel Fontes (orgs). Alfabetização e letramento na sala de aula. Belo Horizonte: Autêntica, 2008

Sendo assim, as práticas em sala de aula devem estar direcionadas aos alunos através de metodologias lúdicas e letradas inovadoras que consigam atrair o aluno.

1.1.1 O que é Ludicidade?

Desde pequeno, o indivíduo vive em um mundo carregado de estímulos, os quais causam as mais inúmeras sensações. Estudos realizados comprovam que estas sensações causadas pelo brincar, liberam a sensação do bem-estar reduzindo o quadro de doenças e problemas emocionais independente da idade.

A ludicidade é uma ferramenta essencial no processo de aquisição da leitura e da escrita, desde que seja construída através de um planejamento significativo para o aluno. Pois pode ajudar a desenvolver a capacidade intelectual da criança para resoluções do cotidiano.

A experiência do brincar cruza diferentes tempos, e lugares, passados, presentes e futuros, sendo marcada ao mesmo tempo pela continuidade e pela mudança. A criança, pelo fato de se situar em um contexto histórico e social, ou seja, em um ambiente estruturado a partir de valores, significados, atividades e artefatos construídos e partilhados pelos sujeitos que ali vivem, incorpora a experiência social e cultural do brincar por meio das relações que estabelece com os outros- adultos e crianças. Mas essa experiência não é simplesmente reproduzida, e sim recriada a partir do que a criança traz de novo, com seu poder de imaginar, criar, reinventar e produzir cultura. (BORBA⁸, 2006,p.33)

Estas capacidades necessitam ser desenvolvidas ainda no período que antecede a alfabetização. Isto está relacionado ao brincar que traz diretamente aprendizados significativos, pois possuem um objetivo a ser alcançado durante o momento de estimulação de determinada brincadeira.

De acordo com os estudos de Jean Piaget (1987: in Brasil, 2012 p. 6⁹), “a atividade lúdica é um princípio fundamental para o desenvolvimento das atividades intelectuais da criança sendo, por isso, indispensável à prática educativa”. Promover a experiência do brincar no ambiente escolar é abrir espaço para esse

⁸BORBA, Angela Meyer. **O brincar como um modo de ser e estar no mundo**: IN

⁹PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

desenvolvimento; é respeitar e tratar a criança como criança; escutá-la e estabelecer um diálogo e encontro com sua realidade, abrangendo os aspectos cognitivos, afetivos, psíquicos, sociais e outros, que são fundamentais no seu processo de formação dentro e fora da escola.

O planejamento das atividades lúdicas deve ser contextualizado a partir da realidade, dos interesses e das necessidades da criança. Almeida ¹⁰(1992) afirma que é necessário que haja uma conscientização do educador ao desenvolver os conteúdos voltados ao brincar, isso não significa que esteja ocorrendo um ato de negligência com a aprendizagem formal, mas sim uma busca de novas descobertas pelo aluno.

É de suma importância que o ambiente escolar possa disponibilizar e preparar momentos lúdicos voltados às descobertas e diversidades, no entanto o papel do professor em sala de aula é o principal agente provedor deste instrumento riquíssimo aos alunos, compreendendo o verdadeiro significado do lúdico perante a aprendizagem do educando. (LUCKESI¹¹, 2000)

A ludicidade inserida no ambiente escolar contribui na aprendizagem dos alunos, pois consegue obter a atenção e a participação dos mesmos no desenvolvimento de atividades que envolvam coragem, confiança e criatividade.

Traz também neste contexto habilidades sociais e funções emocionais para que a criança obtenha estratégias em trabalhar no mundo complexo.

1.1.2 O que é letramento?

Letrar é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde haja significado ao aluno a respeito da leitura e escrita. É envolver o educando em práticas que se

¹⁰ ALMEIDA, A. M. O. **O lúdico e a construção do conhecimento**: uma proposta pedagógica construtivista. Prefeitura Municipal de Monte Mor, Departamento de Educação, 1992.

¹¹LUCKESI, Cipriano Carlos - **Educação, Ludicidade e Prevenção das Neuroses Futuras**: Uma Proposta Pedagógica a partir da Biossíntese. In: Luckesi, Cipriano Carlos (org.) Ludopedagogia - Ensaios 1: Educação e Ludicidade. Salvador: Gepel 2.

utiliza a leitura e escrita de formas diferenciadas, não apenas copiando informações textuais, mas sim vivenciando as no seu cotidiano.

Porém, o letramento não é uma prática excludente, pois permite ao aluno adquirir o conhecimento necessário para agir diante de inúmeras situações.

A alfabetização e o letramento não são iguais, mas um necessita do outro para que aconteça a prática do letramento.

Com o passar do tempo só à alfabetização não bastou, foi necessário encontrar outras práticas para desenvolver em sala de aula.

De acordo com os PCN's:

[...] formar alguém que compreenda o que lê que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que siba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos. (BRASIL¹², 1997, pg.41)

A alfabetização é uma forma restrita de aprendizado onde muitos alunos podem ser classificados como analfabetos funcionais, pois não compreendem o verdadeiro significado das atividades mecanizadas contidas nas famosas cartilhas. Muitos dos conteúdos destas cartilhas não partiam da realidade da criança como é o caso da frase “Vovô viu a uva”, onde muitos nunca viram e nem comeram uma uva. Ressalta-se que as cartilhas não fazem mais parte do cotidiano escolar, porém foram substituídos por livros de alfabetização.

Este sistema funda-se na língua viva: não apresenta os seis ou oito abecedários do costume, senão um, do tipo mais frequente, e não todo, mas por partes, indo logo combinando esses elementos conhecidos em palavras que se digam, que se ouçam, que se entendam, que se expliquem; de modo que, em vez de o principiante apurar a paciência numa repetição néscia, se familiarize com as letras e os seus valores na leitura animada das palavras inteligíveis. (...) Esses longos exercícios de pura intuição visual constituem uma violência, uma amputação moral, contrária à natureza: seis meses, um ano, e mais, de vozes sem sentido, basta para imprimir num espírito nascente o selo do idiotismo (DEUS¹³, 2005, p. 5).

¹²BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: vol. 8 e 10 / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC / SEF, 1997.

¹³DEUS, J. de. **Cartilha maternal ou arte de leitura**. Chiado: Bertrand, 2005.

Com o desaparecimento das cartilhas, desapareceu também o conceito de método de alfabetização, pois não é possível ensinar a ler e escrever sem um método.

Contudo a alfabetização passou a ser atrelada ao letramento, afim de ensinar a criança a partir do contexto social, contribuindo para a apropriação do aluno a partir de novas práticas realizadas em sala de aula.

Nesse sentido, Magda Soares¹⁴ (2013), aborda que o mundo da escrita se dá pela aprendizagem de toda a complexa tecnologia envolvida no aprendizado do ato de ler e escrever. O aluno deve ser incentivado a fazer uso da leitura e escrita através de diferentes contextos com a finalidade de apropriar-se deste conhecimento.

O letramento não é específico de uma determinada área do conhecimento, pois deve ser trabalhado de forma transdisciplinar.

Neste contexto é preciso que a criança também tenha acesso a inúmeros títulos literários de boa qualidade para que seja alfabetizado e letrado através da prática da leitura e escrita simultaneamente, possibilitando subsídios que desenvolvam a cidadania nos alunos.

1.2 RELAÇÃO ENTRE LUDICIDADE E LETRAMENTO NA PRÁTICA DOCENTE

O lúdico refere-se a alguns termos como: jogos, brincadeiras e brinquedos. Porém, para alguns pensadores como Aristóteles, Sócrates e Tomás de Aquino, o lúdico era apenas uma recreação, relaxamento do corpo, da mente e do espírito, atividade oposta ao trabalho.

Em contra partida, Platão defendia a importância do “aprender brincando”, pois ressaltou que “é possível descobrir mais sobre uma pessoa numa hora de brincadeira do que num ano de conversa.”

Luckesi também afirma que:

¹⁴SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2003.

Brincar, jogar, agir ludicamente, exige uma entrega total do ser humano, corpo e mente, ao mesmo tempo. A atividade lúdica não admite divisão; e, as próprias atividades lúdicas, por si mesmas, nos conduzem para esse estado de consciência. Se estivermos num salão de dança e estivermos verdadeiramente dançando, não haverá lugar para outra coisa a não ser para o prazer e a alegria do movimento ritmado, harmônico e gracioso do corpo. Contudo, se estivermos num salão de dança, fazendo de conta que estamos dançando, mas de fato, estamos observando, com o olhar crítico e julgativo, como os outros dançam, com certeza, não estaremos vivenciando ludicamente esse momento. (LUCKESI¹⁵, 2000, pg.21)

Logo, é essencial a relação entre a ludicidade e o letramento, pois a criança é despertada para novas descobertas, o educador deve perceber que há diversas formas de ensinar através de metodologias lúdicas.

Brincar é vital para o desenvolvimento do raciocínio matemático das crianças. Diferentemente de algumas formas de conhecimento, o conhecimento matemático, que trata das relações entre duas ou mais coisas, não pode ser aprendido ouvindo os adultos falarem sobre o assunto. Pesquisas experimentais sobre o brincar mostram que há uma forte relação entre o brincar, o desenvolvimento de compreensão matemática e um melhor desempenho matemático... Sem brincar... A capacidade de raciocínio matemático das crianças ficariam seriamente subdesenvolvida. (HIRSH· PASEK, KATHY¹⁶ 2006, p. 251).

Nesta perspectiva a ludicidade é uma ferramenta essencial no processo de letramento, desde que vise desenvolver uma aprendizagem significativa, estimulando a apreciação da leitura e escrita, ou seja, não apenas codificar e decodificar os códigos mais sim entender sua utilização no meio social.

1.3 LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO: PENSANDO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA.

A organização do trabalho pedagógico direcionado ao primeiro ano do ensino fundamental é essencial para a inclusão das crianças de seis anos, que estão no processo de transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, este

¹⁵LUCKESI, Cipriano Carlos - **Educação, Ludicidade e Prevenção das Neuroses Futuras: Uma Proposta Pedagógica a partir da Biossíntese.** In: Luckesi, Cipriano Carlos (org.) Ludopedagogia - Ensaios 1: Educação e Ludicidade. Salvador: Gepel 2.

¹⁶HIRSH-PASEK, KATHY; Eyer, Diane; Golinkoff, Roberta Michinick. **Einstein teve tempo para brincar.** Rio de Janeiro: guarda-chuva. 2006

processo deve ocorrer da forma mais natural possível, não provocando nas crianças rupturas e impactos negativos no seu processo de escolarização.

De acordo com Ana Rosa Abreu:

[...] Esse acolhimento requer do professor a utilização de conhecimentos do campo da didática – para propor e apoiar seus alunos nas situações de aprendizagens relativas as áreas de conhecimento escolar – e também de conhecimentos sobre mecanismos sociológicos, culturais e psicológicos que estão envolvidos no “desejo de saber e na decisão de aprender” para subsidiar a reflexão sobre as representações pessoais que faz dos alunos e a forma que se relaciona com eles. (ABREU¹⁷, 2000/2001, pág. 18)

A construção das propostas do trabalho pedagógico do primeiro ano deve ser estruturada adequadamente para as crianças, levando em consideração que elas constroem e fazem parte deste novo ambiente escolar. Esta organização deve ser minuciosamente construída com princípios lúdicos, onde haja momentos de brincadeiras e jogos, a fim de facilitar e ampliar o acesso à alfabetização e ao letramento.

Magda Soares traz a diferenciação destes dois termos, alfabetização e letramento, que são os eixos norteadores deste processo.

Há, assim, uma diferença entre o saber ler e escrever, ser alfabetizado, e viver na condição ou estado de quem sabe ler e escrever, ser letrado (atribuindo a essa palavra o sentido que tem literate em inglês). Ou seja: a pessoa que aprender ler e escrever- é analfabeta-ou, sabendo ler e escrever, não faz uso da leitura e escrita-é alfabetizada, mas não é letrada, não vive no estado ou condição de quem sabe ler e escrever e pratica a leitura e a escrita. (SOARES¹⁸, 1998, pg.36)

O letramento deve ser propiciado em um ambiente lúdico, onde incentive a criatividade, além de auxiliar na socialização, construção de valores, regras e também a apropriação do conhecimento das diversas áreas.

O educador tem papel fundamental neste processo de aquisição da leitura e escrita através do mundo lúdico, assumindo a posição de mediador na exploração das atividades que influenciem no aprendizado integral da criança.

¹⁷ABREU, Ana Rosa. **Acolhimento**: uma condição par aprendizagem. Revista Pátio. Porto Alegre: Artmed. Ano IV. n.15. nov.2000/jan., 2001.

¹⁸SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica,1998.

A proposta de trabalho deve ser de familiarização, integração e de socialização, atividades com menor cobrança cognitiva e menos conteudistas, privilegiando tarefas mais livres de exploração do contexto, de materiais e das potencialidades presentes no educando. (...) ricas em recursos simbólicos e exploratórias a fim de aguçar a curiosidade infantil para a busca em aventurar-se pelo mundo do conhecimento científico que ocorrerá gradativamente ao longo do Ensino Fundamental. (RAPPORT¹⁹, 2009, p.28).

Mas, é necessário um planejamento reflexivo que facilite e aperfeiçoe o trabalho pedagógico. Sendo um norteador que deve ser entendido como o primeiro passo do processo de ensino e de aprendizagem.

Reconhecer a importância deste processo de alfabetização na vida escolar do indivíduo e a utilização da ludicidade nas ações pedagógicas pode ser de grande relevância didática para a construção de um processo educacional de sucesso. As orientações para a inclusão das crianças de seis anos de idade respaldam que:

Partindo do princípio de que o brincar é da natureza de ser criança, não poderíamos deixar de assegurar um espaço privilegiado para o diálogo sobre tal temática. Hoje, os profissionais da docência estão diante de uma boa oportunidade de revisão da proposta pedagógica e do projeto pedagógico da escola, pois chegaram, para compor essa trajetória de nove anos de ensino e aprendizagens, crianças de seis anos que, por sua vez, vão se encontrar com outras infâncias de sete, oito, nove e dez anos de idade. Se assim entendermos, (...) este é o momento de recolocarmos no currículo dessa etapa da educação básica o brincar como um modo de ser e estar no mundo; (...) como uma expressão legítima e única da infância; o lúdico como um dos princípios para a prática pedagógica; a brincadeira nos tempos e espaços da escola e das salas de aula; a brincadeira como possibilidade para conhecer mais as crianças e as infâncias que constituem os anos/séries iniciais do ensino fundamental de nove anos. (BRASIL²⁰, 2006 p. 9)

Para isso, o professor precisa utilizar encaminhamentos didáticos diversos em sala de aula, com base nos conhecimentos prévios que os alunos possuem, no contexto em que eles estão inseridos e no nível de aprendizagem em que se encontram.

¹⁹ RAPPORT, Andrea. **A criança de 6 anos no ensino fundamental**. 1ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2009.

²⁰ BRASIL. Ministério da Educação. **Letra Viva** – série realizada pela TV Escola. Brasília: MEC/ Secretaria de Educação a Distância, 2005.

Portanto, o professor precisa assumir dentro desse processo, o seu papel de mediador, pois esta em suas mãos a responsabilidade de transmitir conhecimentos transformadores aos alunos.

1.3.1 Planejamento de ensino: a ludicidade e o letramento como prioridade

Nos últimos anos o processo de alfabetização necessitou de novas metodologias direcionadas ao lúdico, valorizando a inserção da criança no mundo da escrita, pois este contato ocorre antes mesmo de sua entrada na escola.

Lima aponta que:

A criança, nesse período, estende seus interesses além do mundo infantil e dos objetos, amplia o leque de suas relações sociais, estabelece interações mais diversificadas com os adultos, compreende, paulatinamente, as atitudes e as várias formas de atividades humanas: trabalho, lazer, produção cultural e científica. O jogo e a brincadeira, nessa etapa, são formas de expressão e apropriação do mundo das relações, das atividades e dos papéis dos adultos. A criança, por intermédio das atividades lúdicas, atua, mesmo que simbolicamente, nas diferentes esferas humanas, reelaborando sentimentos, conhecimentos, significados e atitudes. (21 2008, p. 112)

Neste processo de letramento e ludicidade, é de suma importância que o professor esclareça os objetivos e os caminhos que precisa percorrer, para favorecer a apropriação da leitura e da escrita dos seus alunos.

A união da ludicidade com o letramento facilita o aluno na interação e assimilação do que esta aprendendo. Caracteriza-se por ser um trabalho mais leve e envolvente, reforçando a aprendizagem. O objetivo das brincadeiras neste contexto, apresentadas em forma de atividades, proporciona momentos de alegria, comprometimento com o aprendizado e responsabilidade, além de estimular o desenvolvimento da criatividade, do raciocínio, da coordenação motora e ao aperfeiçoamento cognitivo.

Neste contexto, o lúdico facilita a relação professor aluno e oportuniza melhores condições de aprendizagem, pois segundo Freire, (1996):

²¹LIMA, J. M. de **O jogo como recurso pedagógico no contexto educacional**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Universidade Estadual Paulista, 2008. 156 p.

O bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não “uma cantiga de ninar”. Seus alunos cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas, atentando de certa forma à dialética de ensinar a aprender e aprender a ensinar (FREIRE²², 1996, p.86).

Evidencia a importância de se trabalhar de forma lúdica e atrelada à construção de laços afetivos entre quem ensina e quem aprende.

Contudo neste processo o planejamento pedagógico deve ser perspicaz que não se limite à escolha e à organização dos conteúdos, mas também à organização do tempo e do espaço escolar. Dentro deste contexto é possível estimular a criança a ter contato com diferentes materiais escritos, favorecendo o processo de apropriação da linguagem escrita.

Nesta apropriação o professor deve estar ciente em levar seu aluno a refletir nos erros e acertos, a fim de contribuir no processo de ensino aprendizagem.

A ludicidade e o letramento estão entrelaçados em um processo contínuo, onde é prioritária a aprendizagem adequada da criança. No entanto devido à falta de estímulos no momento da alfabetização é necessário que haja mediações pedagógicas em sala de aula a fim de preparar a criança continuamente. Assim, a ludicidade contribuirá para o desenvolvimento total do aluno.

Diante disso, considera-se que a ludicidade deve estar aglutinada na alfabetização possibilitando aos educandos a estimulação da aprendizagem em todos os momentos que estejam direcionados ao desenvolvimento prazeroso do processo da aquisição da leitura e escrita.

No processo de aquisição da leitura e escrita é necessária uma proposta contextualizada que oportunize aos alunos a participar de práticas letradas. Pois é nessa fase que a criança precisa desenvolver habilidades, que sejam necessárias para que compreenda a escrita que representa graficamente a linguagem.

²²FREIRE, Paulo - Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa/. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

Ao alfabetizar os alunos, o docente precisa entender o processo de aprendizagem da língua escrita de cada um, ou seja, como cada indivíduo apropria-se desse conhecimento. A fim de rever sua práxis, para ajudar seus alunos.

CONCLUSÕES

Este artigo, realizado a partir de uma pesquisa de campo, mostra de fato a importância da ludicidade no processo de letramento.

Verifica-se que a importância da relação escola e família é essencial para a construção de uma aprendizagem significativa. Para isso, é preciso que escola e família busquem uma relação de parceria, amizade e compreensão para tentarem superar os obstáculos enfrentados atualmente.

Diante da falta de atividades lúdicas, percebe-se que os alunos são ensinados de forma tradicional e mecânica.

Para melhor tentar resolver esse problema, devem-se buscar recursos e habilidades especiais para atingir a todos os eixos: pais, alunos e professores, rumo aos objetivos que quer alcançar, visto que, se eles não fizerem sua parte, será difícil chegarem a resultados positivos em relação ao tema.

Espera-se que este artigo acadêmico possa contribuir com educadores, pais, alunos ou qualquer outra pessoa que o leia sobre importância da ludicidade no processo de letramento, visando à melhoria do ensino aprendizagem, que acabará por afetar de forma positiva a formação dos alunos.

Com base no estudo e elaboração deste artigo, sugere-se que além de se trabalhar a prática aliada a teoria, o tema seja abordado pela equipe pedagógica com professores e alunos a fim de haver um melhor encaminhamento pedagógico.

Destaca-se que esse trabalho não é definitivo, porém, pode contribuir em futuras investigações que tenham por finalidade auxiliar a escola a buscar outras visões educacionais.

A pesquisa sugere que a escola utilize um trabalho dinâmico envolvendo simultaneamente os quatro eixos pesquisados, pais, alunos, professores, equipe pedagógica e que seja amplamente debatido o brincar no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

<<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2006/anaisEvento/docs/CI-008-TC.pdf>>. ACESSO EM: 11/04/2016

ABREU, Ana Rosa. **Acolhimento**: uma condição par aprendizagem. Revista Pátio. Porto Alegre: Artmed. Ano IV. n.15. nov.2000/jan., 2001.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN9394/1996. Título 5, Capítulo 2, Artigo 29.

BRASIL. Lei n o 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da União, Brasília, 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. **Aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências**. Diário Oficial da União [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei 13.005, de 25 de junho de 2014. **Plano Nacional de Educação**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm>. Acesso em: 14/03/2016

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**. Cadernos de Formação. Brasília: MEC/SEB, 2014. Disponível em: <<http://pacto.mec.gov.br/2012-09-19-19-09-11>>. Acesso em: 14/03/2016.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: vol. 8 e 10 / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC / SEF, 1997.

BRASIL. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – Ministério da Educação e do Desporto, SEF – Brasília: MEC / SEF, Introdução, 1998.

CAGLIARI, L.C. Alfabetização sem o ba-bé-bi-bó-bu: Por um construtivismo não psicogenético. In: III Congresso Paranaense de Alfabetização. São Paulo. Scipione. 1999.

CASTANHEIRA, Maria Lúcia; MACIEL, Francisca Izabel e MARTINS, Raquel Fontes (orgs). Alfabetização e letramento na sala de aula. Belo Horizonte: Autêntica, 2008

CASTANHEIRA, Maria Lúcia; MACIEL, Francisca Izabel e MARTINS, Raquel Fontes (orgs). **Alfabetização e letramento na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008

DISPONÍVEL EM:

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999

FREIRE, Paulo - **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa/**. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo - **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa/**. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

FREIRE, PAULO. **PEDAGOGIA DA AUTONOMIA: SABERES NECESSÁRIOS À PRÁTICA EDUCATIVA**. RIO DE JANEIRO: PAZ E TERRA, 1997.

HIRSH-PASEK, KATHY; Eyer, Diane; Golinkoff, Roberta Michinick. **Einstein teve tempo para brincar**. Rio de Janeiro: guarda-chuva. 2006

LIBÂNIO, JOSÉ CARLOS. **ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DA ESCOLA: TEORIA E PRÁTICA**. 10ED. GOIÂNIA: ALTERNATIVA, 2012.

LIMA, J. M. de **O jogo como recurso pedagógico no contexto educacional**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Universidade Estadual Paulista, 2008. 156 p.

LUCKESI, CIPRIANO C. **ELEMENTOS PARA UMA DIDÁTICA NO CONTEXTO DE UMA PEDAGOGIA PARA A TRANSFORMAÇÃO**. IN: SIMPÓSIO DA III CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO. SÃO PAULO: LOYOLA, 1984.

LUCKESI, CIPRIANO C. **PLANEJAMENTO, EXECUÇÃO E AVALIAÇÃO NO ENSINO: A BUSCA DE UM DESEJO**. IN: AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR. SÃO PAULO: CORTEZ, 1995.

LUCKESI, Cipriano Carlos - **Educação, Ludicidade e Prevenção das Neuroses Futuras: Uma Proposta Pedagógica a partir da Biossíntese**. In: Luckesi, Cipriano Carlos (org.) **Ludopedagogia - Ensaios 1: Educação e Ludicidade**. Salvador: Gepel 2.

MACIEL, Francisca Izabel e LÚCIO, Iara Silva. **Os conceitos de alfabetização e letramento e os desafios da articulação entre teoria e prática**. IN:

MACIEL, Francisca Izabel e LÚCIO, Iara Silva. **Os conceitos de alfabetização e letramento e os desafios da articulação entre teoria e prática**. IN: CASTANHEIRA, Maria Lúcia; MACIEL, Francisca Izabel e MARTINS, Raquel Fontes (orgs). **Alfabetização e letramento na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008

MACIEL, Francisca Izabel e LÚCIO, Iara Silva. **Os conceitos de alfabetização e letramento e os desafios da articulação entre teoria e prática**. IN:

MELLO, S. A. **O processo de aquisição da escrita na educação infantil** – contribuições de Vygotsky. In GOULART, A. L., de F. e MELLO, S. A. Linguagens Infantis outras formas de leitura. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

RAPPORT, Andrea. **A criança de 6 anos no ensino fundamental**. 1ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2009.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2003.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

VASCONCELLOS, CELSO S. **COORDENAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO: DO PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO AO COTIDIANO DA SALA DE AULA**, 6º A ED. SÃO PAULO: LIBERTAD, 2006.

VEIGA, I.P.A.(ORGS.) **DIMENSÕES DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO**. CAMPINAS: PAPIRUS: 2002.